

TEOLINDA GERSÃO

A CIDADE DE ULISSES



oficina

© 2011 by Teolinda Gersão

© Oficina Raquel, 2017

EDITORES

Raquel Menezes e Luis Maffei

CAPA

Thiago Antônio

IMAGEM DA CAPA

Raquel Menezes

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Julio Baptista (jcbaptista@gmail.com)

REVISÃO

Lícia Mattos



www.oficinaraquel.com

oficina@oficinaraquel.com

facebook.com/Editora-Oficina-Raquel

Este livro foi publicado sem obedecer ao
Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
a pedido expresso da autora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Gersão, Teolinda

A cidade de Ulisses / Teolinda Gersão. – Rio de Janeiro:

Oficina Raquel, 2017.

254 p.

ISBN: 978-85-9500-011-7

1. Literatura portuguesa 2. Ficção portuguesa I. Título
17-1163 CDD P869

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura portuguesa

Da minha língua vê-se o mar.

VERGÍLIO FERREIRA

Índice

Capítulo I

- 1. Em volta de um convite 15
- 2. Em volta de Lisboa 41
- 3. Em volta de nós 84

Capítulo II

- Quatro anos com Cecília 129

Capítulo III

- A Cidade de Ulisses 195

Nota inicial

Este livro, que dialoga deliberadamente com as artes plásticas, deve-se ao meu interesse por essa área e a múltiplas conversas ao longo dos anos com amigos artistas plásticos (João Vieira foi um deles e saliento o seu nome, em sua memória, porque infelizmente já não está entre nós).

De um modo muito especial, agradeço a José Barrias: numerosos motivos da exposição referida no Capítulo III – a sedução da escrita, a jangada de Ulisses, *Quase romance*, a recriação da água imensamente azul, a instalação *Nostos*, a carta ao pai, a que chamou *A imagem da sombra*, são elementos da exposição *José Barrias etc.* apresentada há alguns anos no CAM, e que aqui reutilizei livremente. O motivo da *Ode marítima* manuscrita sobre a fachada da casa natal de Fernando Pessoa é igualmente uma ideia de José Barrias, que em 1995 transcreveu o texto nas paredes do quarto do poeta, na Rua Coelho da Rocha, numa instalação com o título: *Um quarto de página*. Devo-lhe ainda o apoio que deu desde o

início à aventura da escrita deste livro, de que foi o primeiro leitor.

Quero deixar além disso uma palavra de gratidão a todos os que ao longo de séculos e até hoje amaram, investigaram, estudaram, registaram Lisboa. Os autores e os livros são tão numerosos que seria impossível enumerá-los aqui. Mas aos muitos que li, e aos muitos que não pude ler, quero expressar o meu profundo reconhecimento.

T.G.

**A CIDADE DE
ULISSES**

Capítulo I

1.

Em volta de um convite

Foi apenas uma conversa prévia, sobre as linhas gerais, com a pergunta final se eu aceitaria. O convite formal virá depois, no caso de eu aceitar. Mas não assumi nenhum compromisso, fiquei de ponderar o assunto e responder dentro de alguns dias.

Estávamos no gabinete do director do Centro de Arte Moderna. A secretária, que há uma semana me telefonara a marcar data e hora, tinha-nos trazido dois cafés numa bandeja, e eu podia ver através da janela os jardins da Gulbenkian.

Conheço o meu interlocutor, porque já há alguns anos expus no CAM. Diz-me, mas é uma frase de circunstância, que há duas décadas vem seguindo a minha obra, que muito admira. E depois de mais algumas frases, igualmente de circunstância, vai direito ao assunto:

Pretende dirigir convites a um número considerável de artistas plásticos, para proporem, em exposições diversas, o seu olhar sobre o país. Atendendo ao meu currículo tinham

pensado, em reunião recente, que a primeira exposição poderia ser a minha.

E, se eu estiver de acordo, sugeria-me que o tema fosse Lisboa. Ou seja, o meu olhar sobre um ou alguns aspectos de Lisboa, especificou pousando no tabuleiro a chávena de café.

Senti-me surpreendido mas não quis interrompê-lo e deixei-o falar até ao fim.

Lisboa é obviamente um tema inesgotável e iremos pô-lo também à consideração de outros artistas, continuou.

Depois de serem aqui inauguradas e durante algum tempo abertas ao público, estas exposições irão circular por vários países. Gostaria para já de saber se o projecto me interessava, concluiu.

Trocámos ainda algumas frases, mas não levantei questões nem prolonguei a conversa. Prometi pensar no assunto e dar-lhe uma resposta dentro de alguns dias.

Saí para o jardim, onde caminhei no meio das árvores. É um jardim de muito verde, quase sem flores. O verde é uma cor tranquilizante. As linhas do jardim também. Horizontais e verticais. Árvores e água. Céu, um lago, placas de cimento ladeadas de arbustos, e vastas extensões de prado.

Sentei-me numa cadeira do pequeno anfiteatro ao ar livre. Havia outras pessoas por ali, algumas lendo livros ou jornais, pares de namorados abraçavam-se, crianças corriam embaixo, na relva, seguidas pelo olhar de duas ou três mães sentadas. Um grupo em fato de treino praticava artes marciais. Por cima de nós um avião riscou o céu, deixando atrás de si um traço branco que levou algum tempo a desaparecer.

O projecto das várias exposições fazia algum sentido. Mas por que razão iriam ser itinerantes? É verdade que, para milhões e milhões de pessoas letradas do globo, Portugal não estava no mapa, era, quando muito, uma faixa estreita de terra diante da Espanha. E Lisboa era provavelmente a mais desconhecida das capitais da Europa, e uma das mais desconhecidas do mundo.

Mas pretendiam exactamente o quê? Que os artistas ajudassem a colocar o país no mapa?

Ironia do destino, num lugar onde a cultura era tão cronicamente maltratada.

Claro que eu poderia aceitar o convite, pensei saindo do jardim e caminhando em direcção à António Augusto de Aguiar, onde tinha deixado o carro estacionado.

Escolher um ponto de vista, uma visão pessoal sobre a cidade. Só isso. O meu olhar agudo e sem complacências. Transformar o que via numa obra de arte. Por vezes, cruel. Não era afinal o que eu fazia sempre?

Mas neste caso iria recusar. A única coisa que me parecia urgente era arrumar liminarmente o assunto.

(Ex.^{mo} Senhor:

Agradecendo o convite que me foi dirigido e que muito me honra, informo que, devido a compromissos já assumidos, não estou disponível para colaborar no projecto proposto.

Com os melhores cumprimentos,

Paulo Váz.)

Meia dúzia de palavras, essas ou outras, e não tornaria mais a pensar nisso.

Sara telefonou nessa altura.

– Sim, já saí da Gulbenkian. Depois te conto. Vou dizer que não.

Entrei no carro e arranquei, no meio de um trânsito intenso, em direcção à Graça.

Foi pouco antes do momento em que quase bati no carro da frente, que parou de súbito antes de um semáforo amarelo, que te imaginei a ter a conversa desta manhã em meu lugar, Cecília. Muitos anos atrás.

– Na verdade esse projecto já existe, terias dito de imediato ao director do CAM. Há já algum tempo que trabalhamos nele, eu e o Paulo Vaz. Se ele estiver de acordo aceitamos com prazer a proposta. Vou falar com o Paulo e responderemos dentro de alguns dias.

E o director do CAM sorriria, encantado, achando que tudo corria no melhor dos mundos. Propunha-te uma ideia ainda vaga e tu respondias com um projecto concreto, já pensado, que, ao ouvir-te falar, dir-se-ia quase pronto.

Virias contar-me com entusiasmo, e de certeza rindo, essa conversa. Se ela tivesse alguma vez acontecido.

E não estarias surpreendida pelo facto extraordinário de uma coisa em que tínhamos pensado à toa parecer ter ganho magicamente consistência fora de nós e vir agora ter connosco, partindo de uma instituição credível.

Talvez porque sempre acreditaste em coisas impossíveis, nada disto te pareceria insólito. De repente ofereciam-nos

todos os meios, era só meter mãos à obra e realizar um projecto antigo.

Mas de facto nenhum de nós tinha levado a sério essa ideia de fazer uma exposição sobre Lisboa. Era um divertimento, um jogo privado com que desafiávamos a imaginação um do outro. Andávamos por aí, e olhávamos a cidade como se nos pertencesse e fôssemos construir alguma coisa a partir dela.

Percorriamo-la a pé, ou na vespa que eu tinha comprado em segunda mão e fazia um barulho dos diabos a arrancar porque sempre carburou mal. Tu ias sentada atrás, abraçada a mim, com os cabelos ao vento. A imagem, ou a sensação mais perfeita que guardei da liberdade, é esse acelerar contigo, sentindo os teus braços em volta do meu corpo, enquanto os teus cabelos voavam ao vento.

Depois passámos a usar capacete e os teus cabelos deixaram de se soltar no vento. Mas continuámos a voar, pelas ruas de pedra ou de alcatrão. Desarvorados, seria talvez a palavra exacta.

Foi assim que te desenhei nessa época: com um pé ainda estendido, como se tivesses acabado de montar atrás de mim, na vespa já em movimento. Estamos ambos de costas, há alguma poeira levantada, e a tua cabeça, encostada ao meu corpo, está ligeiramente voltada de lado, de modo que só uma parte do teu rosto é visível, enquanto as ruas desaparecem em volta, ou nós deixamos de vê-las, concentrados na

sensação da velocidade que em poucos segundos atingimos. Aí vamos nós, montados numa superfície estreita que nas curvas se inclina. Entregues ao jogo do nosso próprio equilíbrio, que mantemos com o corpo, na medida exacta.

Os desenhos eram sobretudo isso, o movimento e o equilíbrio de opostos, a tensão entre a precisão e o excesso.

É a primeira vez que surges em trabalhos meus. Ainda só com metade do teu rosto, a que a velocidade faz perder os contornos.

Terias aceitado sem hesitar o convite, com a condição de eu concordar.

– É por isso que vou recusá-lo, disse depois a Sara: era um projecto meu e de Cecília, e não teria sentido realizá-lo agora sozinho.

Claro que poderia fazer outra coisa, completamente diferente, pensei dias mais tarde.

Mas o que eventualmente me poderia interessar era recuperar esse projecto que existira anos atrás, retomar uma ideia que na altura tínhamos tido o bom senso de não levar a sério, mas que agora, por teimosia, eu levaria a sério e passaria a existir. Uma exposição real, dentro do mundo real.

– Na verdade esse projecto já existe, trabalhei nele em tempos com Cecília Branco. Se ela concordar aceito o vosso convite.

É óbvio que não posso dizer isso ao director do CAM, Cecília. Nem posso apresentar o projecto como se fosse apenas meu.

No entanto agora que te imaginei no meu lugar, aceitando, ocorre-me que poderia fazer o trabalho, desde que te incluísse. “*A Cidade de Ulisses*. Exposição de Paulo Vaz, a partir de um projecto de Cecília Branco.”

Não estaria a apropriar-me de ideias tuas e a fazê-las surgir com o meu nome, ao lado de ideias minhas. Dar-te-ia inclusive a autoria do projecto, o que não é verdade. Mas seria uma maneira de compensar-te por o trabalho a apresentar ser agora meu. E seria a oportunidade de salvar muita coisa em que tínhamos pensado, que de outro modo ficará perdida. “*Lisbon revisited*”, numa nova versão, assinada por nós.

Poderia ser uma solução, aparentemente fácil. Aparentemente, porque na verdade nunca nada é fácil. E nada é o que parece, como em todos os casos a experiência prova.

Ex.^{mo} Senhor:

Aceito o convite etc., esperando que o vosso projecto das exposições itinerantes possa ter alguma utilidade para o país, nestes tempos de crise, nos tempos de cão desta crise, que vão correndo. E porque afinal de contas o meu trabalho é este: expor.

Mas as razões da minha aceitação são sobretudo pessoais:

É a segunda vez que me encontro perante essa ideia de fazer uma exposição sobre Lisboa. Em geral nunca uma coisa vem ter connosco uma segunda vez, a vida contenta-se em dar-nos, quando muito, uma oportunidade. Por isso a minha reacção na conversa que tivemos foi de perplexidade e surpresa, e o que de imediato me ocorreu foi rejeitar, como se a vida me preparasse uma cilada.

Aliás não tenho dúvidas de que se trata de uma cilada. Qualquer exposição sobre Lisboa, mesmo limitada a apenas um aspecto, é um objectivo minado: uma cidade com trinta séculos baralha-nos as perspectivas. O que quer que se faça, o resultado nunca passará de um work in progress, uma proposta de trabalho, ou o que quiserem. As you like it. O aviso aqui fica, registado e datado, para memória futura. Mas o senhor sabe isto tão bem como eu, e suponho que é um trabalho desse tipo que se espera. E depois, se uma instituição credível como a vossa se arrisca a embarcar nesta aventura, não há razão para também eu não embarcar nela.

Na verdade achei o projecto insensato e não o levei a sério da primeira vez que ele veio ter comigo e com a mulher com quem vivia na altura, aliás a pessoa mais criativa e dotada que alguma vez conheci. Por razões que não vêm ao caso, ela não poderá agora levar a cabo a colaboração que nessa época existiu. Mas, como terei oportunidade de informar o CAM em tempo útil, o seu nome deverá também constar, porque se tratou de um projecto de ambos.

É esta de resto a verdadeira razão que me leva a aceitar o convite: recuperar um projecto de que também ela fez parte.

Um motivo, portanto, pessoal.

Como sabe, é provavelmente sempre assim que surgem as obras de arte: a partir de motivações pessoais, em geral egoístas, para prazer do criador, para que ele possa exercer o seu domínio sobre o real, forçando-o a moldar-se ao seu desejo.

Sorriso portanto e vejo-o sorrir também a si, ao escrever estas linhas. As pessoas entram nas salas de exposições e vêem coisas na aparência objectivas. Mas os criadores estão dentro delas, inteiros, vida, corpo, alma, tudo — embora sob camuflagem. Expor-se é tam-

bém esconder-se. E também no disfarce os criadores são mestres, como é aliás do seu conhecimento.

Não irei portanto expor-me. Os artistas expõem, mas não se expõem. Fingem sempre.

Também por isso nunca irei, como é evidente, escrever-lhe esta carta, meu caro director. Apenas lhe enviarei um destes dias, como é esperado e devido, duas ou três linhas convencionais. Dir-lhe-ei que aceito e agradeço o convite. Tudo o mais ficará naturalmente a salvo, fora do seu alcance e do de toda a gente. Não interessa a ninguém, a não ser a mim.

Apresento-lhe os melhores cumprimentos.

PS – (Dei conta de que faltava ainda um Post-Scriptum):

Ao aceitar esta proposta estarei a criar alguma distância em relação a outra mulher, chamada Sara, que significa muito para mim. Uma distância mental, mas não direi “apenas” mental. Tudo o que importa na vida se passa também sempre ao nível do imaginário. Para bem ou para mal. Pelo menos com os artistas é assim. La pittura è cosa mentale, disse Leonardo noutro contexto, mas também poderia aplicar-se a este.

Muitas das minhas obras foram feitas a partir de uma paixão qualquer, as mulheres foram fonte de energia ou ponto de partida para muito do que produzi.

Desta vez também será assim. A memória, como deve estar lembrado, é a mãe das musas.

E agora páro de ironizar comigo próprio, divagando nesta Carta Impossível ao Director do CAM, arrumo a Gul-

benkian, o CAM, o director, o público, os críticos e tudo o mais que houver. Vou montar o estaleiro e trabalhar.

Perdoa-me por te deixar um momento talvez longo em segundo plano, Sara. Dir-te-ei obviamente que aceitei o convite, mas farei tudo o que puder para que sintas o menos possível que deixei instalar alguma distância entre nós, porque agora comecei a andar por aí pensando noutra mulher que já entrou no jogo, no meu, no nosso jogo, e sei que está disposta novamente a jogá-lo comigo. Do princípio. Um jogo começa sempre do princípio.

A primeira vez que te vi foi numa sala de aula, Cecília. Na altura eu era uma espécie de assistente de uma das cadeiras do primeiro ano. No entanto nunca me senti teu professor, vestir a pele do mestre não combinava comigo, até porque eu não queria ser professor, queria já então ser artista a tempo inteiro. As aulas eram uma ocupação menor e provisória, para ganhar dinheiro. Logo que pudesse iria deixá-las. Mas tu não sabias isso, não sabias nada de mim nem eu de ti, e entretanto ali estávamos, tu e eu, por um breve espaço no papel de professor e de aluna.

Era assim que, três vezes por semana, eu podia olhar-te, sentada na carteira, tirando apontamentos do que eu dizia (os teus caderninhos, já então pequenos). Ou não escrevendo coisa nenhuma e olhando para mim, como se fosses o mestre e me examinasses. Passaria eu no teu exame? interroguei-me caminhando em direcção à secretária, atrás da qual me senti

de repente mais seguro, e onde podia consultar as fichas que trouxera escritas. Mas não era a matéria que debitava que ficava exposta diante de ti: era eu próprio. Poderias ver (examinar, avaliar) a cor dos meus olhos, o formato do nariz e das orelhas, os óculos, as mãos, a roupa que vestia, e, se eu me deixasse ficar suficientemente perto da primeira fila, onde estavas sentada, poderias sentir o cheiro da loção que pusera de manhã. Poderias aceitar-me ou rejeitar-me. Mas entretanto eu tinha-me afastado para detrás da secretária, onde não poderias sentir o cheiro do meu corpo e onde, por detrás dos óculos, a cor dos meus olhos não seria nítida.

Meti a mão direita num dos bolsos e apoiei a outra sobre os apontamentos, porque dei conta de que falava também com as mãos e tu as seguias, talvez involuntariamente. As minhas mãos distraíam-te de mim.

Minutos mais tarde ter-me-ia levantado, abandonava outra vez a secretária, dava dois ou três passos sobre o estrado. Estava num palco e tu eras a única espectadora de um espectáculo que só para ti eu encenava. Tinha esperança de que aquilo que dizia te interessasse, e sobretudo de que eu te interessasse, por detrás do que dizia.

Mas não eras só tu que podias olhar-me, no meio dos outros, também eu me fixava em ti, fingindo dirigir-me à sala inteira. Durante hora e meia podia observar-te, de uma só vez ou lentamente, escolhendo um detalhe depois de outro: os cabelos castanho-claros, com nuances louras, contrastando com a pele bronzeada, os olhos grandes, entre o cinzento e o verde – assim pelo menos me pareciam, mas era uma questão

que eu teria de esclarecer, quando os visse mais de perto e a outra luz. Quando, por exemplo, te beijasse. Então veria exactamente que cor tinham, um segundo antes de os fechares, quando te abandonasses ao calor da minha boca sobre a tua boca, que agora sorria.

Nunca vou esquecer o sexo que vivi contigo, mas não foi só por isso que te amei.

Ama-se alguém porque sim, e não há nada que explicar. Não se pode falar realmente de sexo, muito menos contá-lo. O grande equívoco da pornografia é acreditar que o sexo pode ser visível. Porque não é: faz-se, sente-se, vive-se, fica na pele, no corpo, na alma, na memória, mas está para além do que os olhos podem alcançar. O sexo é invisível. Contá-lo é como contar uma viagem de barco a partir da margem, analisando as oscilações da água e as posições do navio, sem ter embarcado. Quando a única coisa real era a viagem. Só depois se podia, sempre de modo imperfeito e aproximado, falar dela.

É verdade que comecei por admirar o teu rosto e desejar o teu corpo. Notava a maneira como te vestias, que nunca era ostensiva nem provocante, era pelo contrário discreta, levemente sofisticada. No entanto a forma como te vestias despertava-me o desejo de despir-te.

O que havia em ti que eu não encontrava noutras mulheres, o que te singularizava no espaço reduzido da sala de aula?